

**RIBEIRA: UM ESTUDO GEOHISTÓRICO DO BAIRRO DA ZONA LESTE DE NATAL-RN****G. G. NASCIMENTO\***Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
gerson.nascimento@ifrn.edu.br\*

Artigo submetido em outubro/2015 e aceito em novembro/2015

DOI: 10.15628/geoconexoes.2015.3690

**RESUMO**

Este trabalho fez um estudo geohistórico da atual situação do bairro da Ribeira na Zona Leste de Natal-RN. Os procedimentos metodológicos aplicados foram bibliografia relacionada à temática abordada, trabalho in *locus*, aplicação de formulários com comerciantes do bairro com questões abertas bem como interpretação qualitativa dos dados. Concluímos que estes enfrentam vários problemas tais como: falta de segurança e

estacionamento, perda de consumidores, falta de investimento em infraestrutura. Constatamos ainda que dentre as alternativas para revitalizar o bairro os comerciantes destacaram, a reestruturação de antigos prédios comerciais, a continuação e finalização de seu projeto de revitalização, estacionamento para os consumidores e mais segurança para os que li residem, trabalham e/ou consomem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade. Ribeira. Serviços.**RIBEIRA DISTRICT: A STUDY GEO HISTORY OF NATAL-RN EASTERN ZONE****ABSTRACT**

This paper made a study of the current geohistórico Ribeira district the situation in Natal-RN Eastern Zone. The methodological procedures were applied literature related to the theme addressed, working in *locus*, application forms with neighborhood merchants with open questions and qualitative interpretation of the data. We conclude that they face many problems such as lack

of security and parking, loss of customers, lack of infrastructure investment. We also acknowledge that among the alternatives to revitalize the neighborhood merchants highlighted, restructuring of old commercial buildings, the continuation and completion of its revitalization project, parking for consumers and safer for those who read live, work and / or consume.

**KEYWORDS:** Town. Ribeira. Services.

## 1 INTRODUÇÃO

A assimilação da história de qualquer tecido urbano depende da forma com que estes foram descritos no período em que os fatos ocorreram. Fizemos aqui um pequeno mais importante estudo geohistórico do bairro da Ribeira, extraindo as teorias e imagens possíveis contidas nas fontes e, assim, poder construir nossa percepção deste até os dias atuais. Desde a fundação da cidade do Natal no século XVI, o desenvolvimento do sítio urbano se assinalou, segundo os relatos históricos, lento. Este se tornou mais evidente em meados do século XVIII com a expansão do ideário iluminista, intensificando-se no século XIX, quando a chegada da coroa portuguesa fomentou o desenvolvimento dos usos e funções das cidades brasileiras.

O objetivo central deste trabalho foi fazer um estudo geohistórico desse bairro caracterizado pela tentativa de compreensão de sua continuidade histórica, através dos discursos e da historiografia local, evidenciando a Ribeira no contexto histórico e urbanístico da capital potiguar, seu surgimento e suas caracterizações como forma de elucidar a continuidade histórica no processo de formação e transformação do espaço citadino na atualidade com seus problemas e perspectivas. A Ribeira geograficamente localiza-se ao norte do núcleo urbano inicial, era uma área alagada pelas marés do rio Potengi. Sua ocupação deve-se primeiramente por encontrar-se no meio do caminho entre a cidade e a Fortaleza dos Reis Magos.

Na Ribeira (Cidade Baixa), constatamos que sua ocupação se deu a partir do século XVIII, por fazendas e chácaras. A construção da ponte de Barros Braga, por volta de 1736 (ligando a Cidade Alta à Ribeira), comprova a existência de uma população no local. Sobre a referida ponte depois da ladeira, muito tempo após, Rua da Cruz, a Campina guardava, perene e seguro, o grande pântano alimentado pelas marés, daí reforçando o nome de Ribeira. Na construção desse estudo geohistórico do bairro, enquanto procedimentos metodológicos e, a fim de atingirmos os nossos objetivos recorreremos a uma bibliografia relacionada à temática abordada, visitas *in locus* a fim de melhor conhecermos a área em questão, seus prédios e casarões antigos, o fluxo de movimento, o comércio e serviços ali estabelecidos bem como fazer a aplicação de formulários com os comerciantes do bairro.

As fotografias nos serviram como excelentes ilustrações para evidenciar a atual situação da maior parte do acervo arquitetônico, na maioria abandonados, outros servindo de cortiços para população de rua e/ou moradores de baixa renda. As interpretações qualitativas dos formulários aplicados nos evidenciaram uma questão extremamente séria no que se refere à situação atual do bairro bem como dos comerciantes que ali ainda mantém algum tipo de serviço por acreditarem no potencial do bairro, mesmo este padecendo de uma melhor infraestrutura urbana no que se referem à segurança, estacionamento, investimentos em projetos de revitalização que melhorem e/ou amenizem a situação caótica em que a Ribeira se encontra nos dias atuais. Esperamos com este trabalho ter alcançado os nossos objetivos bem como ter colaborado para alertar a todos aqueles interessados pela problemática em questão de um bairro que já teve seu apogeu, já foi o mais importante bairro da capital potiguar e que hoje se encontra praticamente num processo constante de “decadência” mesmo em face das tentativas via poder público e privado de sua revitalização.

Assim, na atualidade, o bairro resguarda toda essa história em seus seculares casarões. Nele, há um charme especial e, paulatinamente, vai se transformando em bairro nobre de Natal, com a chegada de arranha-céus, como o Mirante João Olímpio Filho. Hoje ganha ares modernos com parte de uma revitalização de alguns deles e a instalação de edifícios e prédios de classe média alta, porém, ao caminhar pelas ruas arborizadas, sente-se o charme da época e a velha Ribeira de guerra desenha sua importância para a história de Natal. Sem sombras de dúvidas, o Bairro apresenta um valor patrimonial, em termos edilícios, que dispensa maiores comentários. Nostalgias à parte, a Ribeira também possui um valor de suma importância para a própria identidade da urbe, o que não significa dizer somente que apenas contemple seus atuais moradores. Pensamos na cidade de Natal como um todo, pois integra o imaginário e o patrimônio afetivo da cidade.

## 2 RIBEIRA: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

Em Natal, capital potiguar, as implementações de ações higienísticas e de embelezamento, bem como a criação de uma infraestrutura urbana e de serviços, principalmente, nos bairros da Ribeira e Cidade Alta. Oliveira, G. (2000) aponta as razões para essas ações promovidas pelo Poder Público, decorrentes, na verdade, de inspirações das elites locais, que viam a cidade como incompatível, considerando suas características rurais. Esses bairros, como pioneiros na cidade, principalmente, no tocante à questão dos serviços, à medida que se desenvolviam, faziam surgir transformações socioespaciais no seu entorno, mudando substancialmente a geografia do lugar. Nas palavras do autor,

A cidade do Natal, centro político-administrativo do estado do Rio Grande do Norte, não podia manter as características de cidade colonial. Era imprescindível acompanhar a tendência de modernização que vinha se manifestando em cidades da Europa e em capitais de outros estados brasileiros. Para modificar essa condição, foram empreendidas intervenções públicas que, no entanto, aconteceram de forma lenta e descontínua, com períodos de grande intensidade e outros de estagnação (OLIVEIRA, G., 2000, p. 98-99).

A cidade, com seu caráter de centro administrativo, apresentavam uma necessidade, cada vez maior, de organizar-se para assistir à sociedade potiguar. Para tanto, incorporou a seu espaço, diversas instituições de ensino e hospitais, dentre outras construções que fossem necessárias ao atendimento da população, nos mais diversos aspectos e que, também, fortalecessem a presença do Poder Público, como por exemplo, a Casa de Detenção, atualmente, transformada em Centro de Turismo.

Sua limitação como centro comercial, em face de sua proximidade com a cidade de Recife, cidade, tradicionalmente hegemônica, no contexto comercial regional, não lhe tirou a possibilidade de criar uma infraestrutura que pudesse e viesse viabilizar as transações comerciais próprias e sua função administrativa. O comércio e os serviços na cidade, ainda, se encontravam limitados, no que se refere a sua estrutura e diversificação, concentrando-se, principalmente, no bairro da Ribeira. Este bairro, nas palavras de Costa (2000), apesar de ter surgido no século XVII,

[...] somente a partir do século seguinte é que assume características de bairro com o surgimento de alguns estabelecimentos comerciais, uma população

residente e o início da construção do cais do porto, considerado como fundamental para a função comercial que o bairro passa a ostentar. [...] a Ribeira torna-se um bairro mais ativo e dinâmico do que a Cidade Alta, pelo fato de estar situado nas proximidades do cais, sendo esta a principal via de comunicação com o interior e com outras localidades fora do território norte-rio-grandense (COSTA, 2000, p. 112).

Dessa forma, o seu aspecto de pântano enlameado, lhe rendeu o nome de Ribeira<sup>1</sup>, certamente por ter sido confundido com uma ribeirinha. Em 1603, registrava-se no bairro, apenas, uma olaria (fábrica de fazer tijolos), não tendo, portanto, nenhum povoado. Somente por volta de 1800 é que este começa a dar os primeiros sinais de ocupação, todavia, de forma muito lenta. As suas características topográficas eram a de um terreno “quase todo ensopado, pantanoso, enlodado. Apenas alguns trechos ficavam a descoberto nas marés altas de janeiro” (CASCUDO, 1999, p. 47). Ao fazer referência ao bairro, o autor ainda nos mostra que:

A pacata Ribeira, cujo nome retrata sua posição de parte da margem direita do rio Potengi, acompanhava atenta o crescimento da cidade Natal, que havia sido fundada 340 anos passados. Nos 300 primeiros anos era só uma vila. Só no início do século XX é que começou a tomar ares de bairro em desenvolvimento (CASCUDO, 1999, p. 50).

Assim, a Ribeira, também, conhecida como Cidade Baixa, nasceu banhada pelas águas do rio Potengi. Segundo o autor, Ribeira porque a Praça Augusto Severo era uma campina alagada pelas marés do Potengi. “As águas lavavam os pés dos morros. Onde está o teatro Carlos Gomes tomava-se banho salgado em fins do século XIX. O português julgava estar vendo uma ribeira [...]” (CASCUDO, 1999, p. 48).

Assim, o alargamento de longas faixas de terra, neste bairro, favoreceu substancialmente, a construção de casas para a moradia, que compreendem, na atualidade, as ruas Dr. Barata, Chile e General Glicério. Entretanto, as proximidades da Igreja de Bom Jesus, permaneciam desertas, no que se refere à população. Em 1810, “havia aproximadamente 200 moradores, na sua maioria, comerciantes. [...] A Ribeira ligava-se à Cidade Alta através da Rua do Aterro, atual Rua Junqueira Aires” (CASCUDO, 1999, p. 151).

Por volta de 1838, ainda, poucas ruas compunham o cenário do bairro. Além da Rua do Aterro, havia, apenas, a Rua da Campina, atual Rua Duque de Caxias, a Rua da Praia, atual Rua Silva Jardim, a Rua da Alfândega, anteriormente denominada de Rua do Comércio e a atual Rua Chile, bem como o Canto, uma praça situada na esquina da Rua Chile com a Rua Silva Jardim. Todavia, devemos destacar que, apesar das poucas ruas existentes nesse período na Ribeira, todas elas já se destinavam ao comércio e serviços, evidenciando a “vocaçãõ” deste bairro para esta atividade na capital potiguar (Ilustrações 1 e 2).

---

<sup>1</sup> Oficializado como bairro através da Lei N° 251 de 30 de setembro de 1947, na administração do então prefeito da capital Sílvio Piza Pedroza. Teve seus limites redefinidos através da Lei N° 4.330, de 05 de abril de 1993, publicada no Diário Oficial no dia 7 de setembro de 1994 (SEMURB, 2003).



Ilustração 1: Av. Duque de Caxias/Natal-RN  
Fonte: PMN (2006).

Ilustração 2: Av. Duque de Caxias/Natal-RN  
Fonte: PMN (2006).

Em 1850, prédios de pedra e cal e muitos armazéns começam a surgir no bairro, indicando, desta forma, a forte presença do comércio do açúcar, algodão, tecidos e pescados, dinamizando cada vez mais essa atividade. Foi, no entanto, em 1870, que a Ribeira ganhou grande destaque, quando o então presidente da província, Pedro de Barros Cavalcante de Albuquerque, transfere a sede do governo local, até então localizada na Cidade Alta, para um sobrado na Rua do Comércio, fato que deu a esse bairro uma importância vital e um grande impulso ao seu crescimento vindo a se tornar neste período o principal e mais importante bairro da cidade.

### 3 O CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO SOCIOESPACIAL DO BAIRRO

A partir desse período, a Ribeira passa a ter um desenvolvimento muito acelerado, quando comparado a outras épocas. Assim, residências, casas comerciais, clubes de danças e até um cinema, denominado Politeama que, na época, era considerado o melhor da cidade, hoje desativado, cederam lugar às firmas exportadoras de açúcar Omar Medeiros e Lira Oliveira. Além disso, estas características vão mudar de vez todo o aspecto socioespacial do bairro. Com efeito, aos poucos, a Ribeira vai crescendo, se desenvolvendo e estendendo seus limites para a Zona Leste, atingindo áreas, onde hoje se encontra o bairro das Rocas, com a construção cada vez mais significativa de casas simples, nas quais passam a residir os pescadores e o pessoal envolvido com as atividades portuárias.

Entretanto, a Ribeira era considerada o bairro dos homens ricos de Natal, bem como do comércio mais variado e mais importante da cidade, das grandes lojas e magazines, das casas comerciais e empresas, do comércio dos artigos de luxo, onde as famílias mais aquinhoadas, financeiramente, faziam suas compras; dos bancos, das alfaiatarias, onde os grandes homens de negócios da capital potiguar encomendavam seus ternos impecáveis; das perfumarias e lanchonetes; das empresas de navegação, entre outros aspectos, uma vez que desde os tempos recuados, a Ribeira era o bairro mais movimentado da cidade (CASCUDO, 1999). Sobre esse aspecto, Souza (2008) nos mostra que

Quem caminhava pelas ruas estreitas e com pouco movimento da Ribeira, como a Chile, a Frei Miguelinho e a Doutor Barata, não tem ideia do que elas representaram nas décadas de 30 e 40 do século passado. O comércio era atrativo e a sede do governo conferia uma atmosfera de poder a localidade. As avenidas Duque de Caxias e Tavares de Lyra, largas e arborizadas, já traziam a nova

tendência urbanística da cidade. As praças José da Penha e Augusto Severo complementavam o roteiro de charme. (SOUZA, 2008, p. 98).

Além de muita vida comercial e de serviços, havia, na Ribeira, o porto que, naquela época, já apresentava grande movimentação, pois, dele saíam todas as mercadorias produzidas no estado, tais como: algodão, sisal, cera, açúcar e minérios. Essas mercadorias se constituíam tanto em produtos vindos de fora, quanto em produtos oriundos do interior do estado e que por ele eram exportados para outras regiões do país. O bairro contava, ainda, com uma estação ferroviária, a antiga *Great Western*<sup>2</sup>, hoje Rede Ferroviária Nacional (RFN), bem como o transporte fluvial para a cidade de Macaíba que era feito através de lanchas. As empresas de navegação Loide Brasileiro e Companhia Costeira, além de outras menores que, ali, também, se situavam.

Os vapores, a princípio, não atracavam no cais da Rua Tavares de Lira, ficando estes ao largo do rio e o transporte de passageiros era feito por barcos a remo que existiam em grande número no bairro. Também muito movimentada era a ferrovia, porquanto, todos os passageiros que se dirigiam para outras regiões do interior do estado, como também para os estados da Paraíba e Pernambuco, serviam-se dessa ferrovia (*Great Western*) como meio de locomoção. A Ribeira era, ainda, privilegiada pela localização das principais repartições públicas e privada, casas comerciais, estabelecimentos de compra e venda no atacado. Também, lá se localizavam os melhores hotéis da capital do estado: o Hotel Internacional, o Hotel dos Leões e o Hotel Avenida, este último, o mais antigo dos três. Hoje, todos têm outras funções. Sobre a arquitetura, patrimônio histórico e alguns aspectos do bairro, Costa (2000) enfatizou que era

[...] lá onde fica o Teatro Alberto Maranhão, um dos prédios mais belos da capital potiguar, que teve sua construção iniciada em 1898 em estilo art-nouveau, bem como, o Centro Cultural Casa da Ribeira, o Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão e as casas de personagens importantes do bairro, como a do ex-presidente Café Filho, a do poeta Ferreira Itajubá e a do médico Januário Cicco (COSTA, 2000, p. 103).

Existia na Ribeira, um mercado público popular bastante movimentado, que ficava localizado na esquina do lado esquerdo, na confluência das ruas Ferreira Chaves e Almino Afonso. Entretanto, devido à “decadência” comercial do bairro, que se verificou a partir do pós-guerra, esse mercado veio a fechar suas portas em face do pouco movimento a exemplo de outros serviços tais como: farmácias, lojas de tecidos e confecções, sapatarias entre outros. Estes, de forma gradativa foram sendo transferidos para o bairro da Cidade Alta.

#### 4 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E OS IMPACTOS SOCIOESPACIAIS NA RIBEIRA

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, o comércio e os serviços do bairro passaram a se desenvolver com muito mais intensidade. Destacamos que, nesse período, os americanos, porém, nutriam um interesse especial por Natal antes mesmo da década de 40. Tanto é que os altos comandos do Exército e da Marinha já tinham escolhido a cidade como ponto estratégico para a defesa do continente sul-americano. Eles também chegaram à conclusão que, por ser o

---

<sup>2</sup> Segundo Souza (2008), antes da chegada do avião e do automóvel, Natal se comunicava com o exterior através do correio, do navio e do trem. Dentro de um plano nacional de expansão da rede ferroviária, o Rio Grande do Norte foi beneficiado, no último quartel do século XIX, com a construção da primeira etapa da estrada de ferro Natal-Nova Cruz.

ponto mais próximo da África, era fundamental na defesa do Canal do Panamá, bem como, dos Estados Unidos. Foi neste período (1939-1945) que constatamos a instalação de várias casas comerciais com alguns serviços específicos, a fim de atender às várias necessidades da população, que não parava de crescer no período da guerra. Normalmente, eram pessoas procedentes do interior do estado e de estados vizinhos que chegavam a Natal em busca de trabalho e comerciantes que procuravam estabelecer algum tipo de comércio varejista e/ou serviços, em função da “efervescência” por que passava a cidade, como também o bairro da Ribeira, nesse período (CASCUDO, 1999). Segundo Pinto (1975):

Antes da guerra, toda a vida econômica, social e política de Natal girava em torno da Ribeira. As ruas e novas avenidas, ladeadas por sobrados e casarões, serviam de residências para as famílias tradicionais. O cais do porto, a estação ferroviária e órgãos do governo reforçavam a importância do bairro, que também foi obrigado a conviver com os bordéis de prostituição, que faziam a alegria das noites natalense (PINTO, 1975, p. 67).

Sobre a influência do advento da guerra na Ribeira é importante ressaltar que:

Na Ribeira, Natal se depara com um pouco da história da Segunda Guerra Mundial, quando o Grande Hotel hospedou importantes personagens, como os soldados americanos, que deram um ar internacional ao bairro. O inglês, depois do português, passou a ser o idioma mais falado nos bares, restaurantes, boates e no comércio local. A Ribeira virou point noturno. As maiores festas aconteciam num clube na Praça Augusto Severo, mais conhecido como USO (United States Organization) (OLIVEIRA, 2000, p. 56).

É dessa forma que algumas ruas do bairro logram destaque, principalmente, no que concerne ao avanço do comércio e serviços, tais como: as ruas Chile e Dr. Barata e a Avenida Tavares de Lira, pois, todas elas eram detentoras de uma variedade de casas comerciais destinadas a diversos ramos do comércio varejista e de serviços de Natal, numa época em que a cidade tinha seu terciário, praticamente, todo concentrado na Ribeira. Esse fato exigia do Estado, principalmente, no âmbito municipal, Políticas Públicas Urbanas de infraestrutura, a fim de acompanhar o grande crescimento que se verificava no bairro, naquele período. Sobre o comércio e os serviços do mesmo, podemos evidenciar que era a Rua do Comércio, atual Rua Chile, a de maior movimento, quando comparada às outras igualmente comerciais.

Nesta rua, estava instalada a Junta Comercial do estado que, posteriormente, foi transferida para a Rua Dr. Barata, no prédio onde funcionou, por algum tempo, o Projeto Camarão, da Secretaria de Agricultura do Estado do Rio Grande do Norte (SAERN). Essa rua, detentora de grande variedade de comércio e serviços, destacava-se na fabricação de sabão e venda de algodão. Este último produto suscitava uma movimentação tão grande neste logradouro, principalmente, no preparo de embarque para o exterior, que os armazéns, ali situados, não comportavam as mercadorias que eram colocadas nas calçadas cobertas com lonas, à vista de vigias, até que o navio chegasse para embarcá-los.

Ainda, no que tange à Rua Chile, podemos afirmar, também, a existência de algumas fábricas de bebidas, uma indústria de borracha, que se destinavam ao comércio de exportação. Também, se encontrava instalada, nesta rua, uma firma denominada ‘Huascar Purcel’, que se destinava às compras de pele e couros, encaminhados a um grande curtume, na Inglaterra.

Funcionava, ainda, nas proximidades desta firma e na mesma rua, o jornal 'Folha do Povo', o qual tinha um caráter, eminentemente político, dirigido pelo Sr. Sandoval Wanderley, considerado um dos maiores jornalistas da época, na cidade (PINTO, 1971).

A Rua Dr. Barata, a exemplo da antiga Rua do Comércio, também, teve grande destaque no bairro, devido a seu grande movimento, como também pela diversidade do seu comércio varejista e serviços, tornando-se, portanto, uma área de grande atração, frequentada por toda a população da cidade. Entretanto, nesta rua, uma característica peculiar chamava a atenção: o fato desta concentrar, praticamente, um comércio mais 'ostentador', ou seja, era a área onde se encontrava o comércio "chique" da capital, uma vez que ali se encontrava as principais casas da moda, impondo, desta forma, um movimento bastante intenso, principalmente, para os que detinham um alto poder aquisitivo. Nas palavras de Onofre Júnior (1979, p. 69) "a rua Dr. Barata era a rua de maior movimento da cidade, especialmente, enquanto perdurou a Segunda Guerra Mundial". Ali surgiu toda a sorte de empresas que, com raras exceções, apresentavam oportunidades para aventureiros que pretendiam enriquecer, valendo-se do conflito mundial.

Todavia, com o término da guerra, muitos comerciantes dessa rua seguiram outros rumos, desaparecendo por completo da cidade, permanecendo, apenas, aqueles que ali chegaram munidos de 'boas intenções', uma vez que mesmo passando a efervescência comercial, propiciada pela guerra, continuaram ali estabelecidos com seu comércio. Para se ter uma ideia do significado deste e de outros ramos de serviços que, ali, se encontravam, podemos destacar: livrarias, fábricas de cigarros, tabacarias, lojas de calçados, de confecções, de chapéus, lojas destinadas à venda no atacado de produtos farmacêuticos, farmácias, fábricas de fiação de lã e lojas de ferragens (LOPES JÚNIOR, 2000).

Destacamos, também, nessa rua, a existência da firma Oscar Amorim S/A, uma filial de Recife, que se dedicava à distribuição das marcas Carterpillar e John Deere (tratores automotivos), lojas de compra e venda de produtos de sapateiros e artigos para esportes, como também, a sede do Banco do Estado do Rio Grande do Norte (BANDERN). Existiam, ainda, algumas casas lotéricas, estúdios de fotografias, indústrias de fabricação de mosaicos, de confecção de móveis para vendas no varejo e atacado, oficinas de carros, relojoarias, lojas de eletrodomésticos, perfumarias e miudezas, o que conferia à Rua Dr. Barata um caráter peculiar de muita importância no contexto comercial do bairro, logo da cidade.

No que tange à Avenida Tavares de Lira (Ilustrações 3 e 4), devemos destacar que esta sempre foi umas das vias da cidade, na qual se efetivavam os maiores acontecimentos, as maiores reuniões de políticos e 'compadres', sobre todo e qualquer assunto importante que se destacava no cenário mundial, nacional e estadual, fato que se deve, não somente, pela sua localização, como também por ser uma avenida muito bem cuidada e concentrar bares, restaurantes e cafés, logo, atrativos para movimentação, principalmente, nos finais de tarde até o anoitecer, fato que era mais comum nos finais de semana (PINTO, 1971).



**Ilustração 3: Avenida Tavares de Lira**  
Fonte: PMN (2006).

**Ilustração 4: Avenida Tavares de Lira**  
Fonte: PMN (2006).

Destacamos que era nesta rua onde aconteciam os desfiles dos blocos carnavalescos e dos foliões da cidade. Era, também, o local onde ocorria o embarque e o desembarque de passageiros, com navios ao largo, pois, nesse período, ainda não existia o cais do porto. Assim, nesta avenida, partindo de onde hoje se encontra o cais do porto, existia, no seu lado esquerdo, um grande frigorífico que atendia às necessidades do comércio de peixes e carnes, bem como a toda a cidade. Na gestão municipal anterior (Prefeito Carlos Eduardo Alves), a PMN (Prefeitura Municipal do Natal), dentro das operações de renovação urbana (projetos de reurbanização deste bairro), transferiu os desfiles das escolas de samba, grupos de índios e outras agremiações para esta rua, em mais uma tentativa de reavivar o bairro (PINTO, 1971).

No lado oposto desta avenida, na esquina com a Rua do Comércio, situava-se a construtora Ecocil, fundada pelos engenheiros Aloísio Bezerra e Luciano Barros, a qual continua em atuação e muito bem sucedida, até os dias de hoje, no ramo da construção civil em várias capitais do país, principalmente, nas capitais nordestinas. Existiam, também, algumas alfaiatarias, butiques, perfumarias, farmácias, alguns armarinhos e a firma Mar-e-pesca destinada ao ramo de produtos de pesca, como também o único Banco do Brasil da cidade (PINTO, 1971).

Devemos registrar, ainda, que era grande o número de lojas dedicadas ao ramo de vendas de tecidos no atacado, de livrarias, gráficas, barbearias, sorveterias e confeitarias. Registrava-se, também, um escritório de representações de produtos farmacêuticos e uma firma dedicada à distribuição de produtos da General Motors que, segundo Pinto (1971), tiveram curta duração na cidade. Nesta rua, também, se encontravam, a sede do Diário de Natal, a Agência do Correio e uma firma com representação e distribuição das máquinas de costura Mundlos. Todavia, após o término da Segunda Guerra Mundial a Ribeira começou a passar por um processo de “decadência” comercial e de serviços (décadas de 1950, 1960). Dessa forma, gradativamente o bairro deixou de ser o principal e mais importante à medida que muitos serviços públicos e privados se transferiram para a Cidade Alta.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, com o passar do tempo, a Ribeira perdeu muito de sua alegria, movimento e importância comercial e de serviços. Assim, até o fim da Segunda Guerra Mundial, este bairro ainda ostentava a predominância de sua vida comercial e de serviços, sendo o de maior importância da cidade, palco dos grandes acontecimentos que se realizavam em Natal. Todavia, deste período em diante, este entrou em um processo de “decadência”, pois, quase tudo de importante, no que se

refere ao seu comércio varejista e aos serviços, gradativamente, foram sendo transferidos para o centro da cidade (Cidade Alta), até então, um bairro residencial.

Foi para lá que se encaminharam as filiais de bancos, casas de comércio de roupas e eletrodomésticos e muitos outros serviços que, até então, se concentravam na Ribeira. Desta forma, observamos que passado impregna as paredes dos antigos casarões deste bairro, que com sua “decadência”, passa a ter outros usos, pois, ali se encontram os prédios com suas histórias adormecidas pela falta de memória dos próprios moradores bem como dos poderes público e privado, com suas ruas tortuosas e estreitas, como palco dos anônimos.

A Ribeira, outrora, paisagem dominante da cidade, é a expressão e atestado dessa “decadência”. O bairro que se abre para o Potengi e que abriga o transformado porto de Natal parece ser destinado a ser a ‘paisagem da lembrança’. E os olhares nostálgicos de artistas, historiadores e políticos, com seus desejos de certo ‘renascimento urbano’, só conseguem dar visibilidade a quão obscura essa paisagem se tornou. Seus prédios em total estado de abandono, não conseguem tornar-se ‘vivos’, nem mesmo com as tentativas de incorporação, feitas pela prefeitura, ao patrimônio histórico.

Entretanto, constatamos que o poder público municipal desde o ano de 2009, via Políticas Públicas Urbanas, ainda, que de forma muito tímida, vem tentando revitalizar o bairro e recuperar o prestígio, que durante muitas décadas exerceu na cidade, estimulando a realização de festas e a abertura de bares, restaurantes e boates, como parte de dois projetos de revitalização, denominados ‘Ribeira Viva e Ribeira (Reabilitação Urbana)’, que está se dando por etapas, começando pela Rua Chile, hoje, um dos pontos mais requisitados, no que se refere às atrações noturnas que a cidade oferece aos seus moradores, bem como aos milhares de visitantes que todos os anos passam por Natal. Entretanto, sobre esse projeto se faz necessário evidenciar que

A Prefeitura de Natal, no intuito de reverter à subutilização da Ribeira e com a intenção de resguardar seu Patrimônio, elaborou alguns projetos intervencionistas para o Bairro, a saber: Seminário sobre a Ribeira (com apresentação de trabalhos, debates, etc), Projeto “Viva Ribeira” (que compreendia projetos de revitalização, projetos de calçamento, iluminação e recuperação de fachadas dos imóveis da Rua Chile) e o Projeto “Ribeira” (Reabilitação Urbana). Entretanto, tais empreendimentos, ainda não foram capazes de revitalizar a área. A maioria dos bares que foram abertos na época do Projeto de Recuperação de Fachadas já fechou e a imagem de “decadência” e de subutilização ainda persiste.

Na atualidade, verificamos também que, além dessa rua, a segunda etapa dessa revitalização ocorreu na área onde se encontra o Teatro Alberto Maranhão, a Praça André de Albuquerque e a antiga rodoviária, esta última, transformada na Escola Municipal de Dança da cidade. Toda essa área ganhou, ainda, uma nova iluminação que vai deste bairro até o bairro das Rocas, retratando toda uma estruturação de iluminação antiga. O projeto tenta manter vivo, toda uma arquitetura que se perdeu ao longo do tempo, pela omissão do poder público, bem como da sociedade civil, num dos bairros mais antigos da capital potiguar, a Ribeira.

Segundo os comerciantes do bairro, quando indagados sobre o processo de “decadência” e/ou deteriorização, estes afirmaram que esse fato consiste principalmente no abandono por parte das camadas de alta renda e em sua substituição pelas camadas mais populares da população, apresentando várias manifestações com diferentes graus de intensidade. As sucessivas crises econômicas pelo que o país passou e passa nos últimos anos, à falta de investimentos dos poderes

públicos e privados no bairro, a implementação de muitos *shoppings centers* na cidade, a deseconomia de aglomeração, o surgimento de outros sub-centros comerciais e de serviços em áreas distintas em Natal, o que faz com que os consumidores prefiram comprar em locais mais próximos e com as mesmas facilidades que a Ribeira oferece.

A reestruturação de antigos prédios comerciais, a continuação e finalização do projeto de revitalização do bairro, estacionamento para os consumidores que ainda frequentam o comércio ali existente, mais segurança para os comerciantes e consumidores, investimentos em infraestrutura, propagandas e *marketing* que evidenciem o potencial do bairro no que se refere aos serviços ali estabelecidos e oferecidos foram os aspectos e/ou reivindicações mais apontados pelos comerciantes como possíveis soluções para a amenização e/ou reversão do atual quadro do histórico bairro da Ribeira uma vez que na atualidade muitos empreendimentos imobiliários, principalmente edifícios residências vêm ali se instalando.

Todavia, mesmo com a recente especulação imobiliária que o bairro vem sendo alvo na atualidade, podemos perceber que os “herdeiros” desse bairro comercial e histórico da cidade convivem com esse quadro. A crise econômica atual e à falta de incentivo principalmente associado aos aspectos já mencionados têm deixado ao longo do tempo, uma incerteza constante nos comerciantes que ainda resistem e acreditam na recuperação comercial do bairro diante de um quadro já considerado muito crítico. Mesmo assim, os que ali mantêm algum tipo de comércio, tentam, de toda forma, reconquistar consumidores que, como já mencionado, preferem outros sub-centros comerciais e os *shoppings* da cidade. Assim, este é o atual quadro em que se encontra o atual bairro da Ribeira na zona leste da capital potiguar.

## 6 REFERÊNCIAS

1. CASCUDO, L. C. **História da cidade de Natal**. 3. ed. Natal: IHG, 1999.
2. COSTA, A. A. **Impactos socioespaciais do crescimento urbano em Natal-RN: um estudo do processo de verticalização**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Geociências, Rio de Janeiro, 2000.
3. LOPES JÚNIOR, E. **A construção social da cidade do prazer: Natal**. Natal: EDFURN, 2000.
4. OLIVEIRA, G. P. **De cidade a cidade: o processo de modernização de Natal (1889/1913)**. Natal: EDFURN, 2000.
5. ONOFRE JÚNIOR, M. **Breviário da cidade do Natal**. Natal: Coleções Edições, 1979.
6. PINTO, L. **Natal que eu vi crescer**. Natal: Imprensa Universitária, 1971.
7. SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO - SEMURB. **Conheça melhor a nossa cidade**. Natal: Prefeitura do Natal, 2003. 1 CD-ROM.
8. SOUZA, Itamar de. **Nova História de Natal**. 2. Ed. Ver. Atual. Natal (RN). Departamento Estadual de Imprensa, 2008.